

Petição nº 23/2018

26/09/2018

Exma. Senhora Presidente da Assembleia Municipal de Lisboa

Arq. Helena Roseta

Assembleia Municipal de Lisboa

Avenida de Roma, n.º 14 – P – 2º

1000-265 Lisboa

Lisboa, 26 de Setembro de 2018

Assunto: Entrega de Petição Lisboa precisa de um Museu dos Descobrimentos, da Expansão e da Portugalidade

Exma. Senhora

Ao abrigo do Art.º 85 (Direito de Petição) do Regimento da Assembleia da Municipal de Lisboa, vem este grupo de cidadãos apresentar a V. Exa. a Petição em defesa um Museu dos Descobrimentos, da Expansão e da Portugalidade e assim expressar o nosso apoio à proposta que o Senhor Presidente da CML inscreveu no seu programa eleitoral.

Vimos assim, com a apresentação desta Petição, solicitar que a mesma seja acolhida nessa Assembleia Municipal, e alvo de audições em sede das Comissões Permanentes, que V. Exª entenda, nomeadamente: 4ª Comissão Permanente – Ambiente e Qualidade de Vida e na 7ª Comissão Permanente – Cultura, Educação, Juventude e Desporto, dado que o Património Cultural tem por missão assegurar o cumprimento salvaguarda, valorização e divulgação do Património Cultural Imaterial.

Com os nossos cumprimentos

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LISBOA

Proc. 094 / 18

IMP. 1316 AML 18

DATA 26/09/2018

hes

16.50

**NB: junto agregamos**

- 1. Texto da petição e seus signatários proponentes;**
- 2. Lista de signatários impressa;**
- 3. Pen com ficheiro excel contendo a relação de mil quinhentos e sessenta e nove signatários, com indicação do nome e número dos respectivos documentos de identificação**

## **Lisboa precisa de um Museu dos Descobrimentos, da Expansão e da Portugalidade**

Motivou compreensível interesse entre numerosos portugueses, entre os quais a Nova Portugalidade e a Associação Coração em Malaca se situam, a intenção da Câmara Municipal de Lisboa em criar um espaço museológico a denominar-se "Museu das Descobertas". A instituição proposta virá preencher vácuo lamentável, posto não existir após a cessação de actividades da defunta Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses (1986-2002) em Portugal entidade pública com a missão de estudar e divulgar a aventura marítima dos Descobrimentos e da Expansão, movimento que mudou o destino do mundo e que nos irmana às nações e comunidades lusíadas da América, da África e da Ásia. Digna de aplauso é, pois, a vontade do Senhor Presidente da Câmara de Lisboa, Fernando Medina.

O debate relativo à construção, concepção e denominação do museu tem suscitado expectável, mas deslocada, controvérsia na sociedade portuguesa. Em carta aberta publicada em Abril, a que oitenta cidadãos estrangeiros e portugueses de desigual perfil e qualificações apuseram a respectiva assinatura, sustenta-se que o museu a fazer não pode, nem deve, chamar-se "das Descobertas", e que fazê-lo seria oferecer voz a uma suposta "imprecisão histórica", insistindo numa narrativa parcial e centrada unicamente na experiência portuguesa do processo de Expansão. Mais, acrescenta-se que os povos por nós "descobertos" não se terão sentido descobertos e que aquele museu contribuiria, adoptando a designação que foi sugerida pela CML, para a perpetuação de "mitos" históricos.

Tal argumentação não pega e não convence. Não se compreende, antes de mais, de que modo seria de desprezar o "ponto de vista português" em acontecimentos de que foram os portugueses pioneiros e protagonistas. Lamentável e perigosa seria, pois, qualquer tentativa de revisionismo ou invenção do passado, particularmente se apostada em divorciar Portugal da mais importante realização da sua História. As Descobertas foram-no, sim, pois aos portugueses coube descobrir com o seu esforço os caminhos do mundo, revelando à Europa outras galáxias civilizacionais e revelando a outras civilizações a face da Europa. Dessa empresa tão sofrida resultou o orgulho de ter sido Portugal o iniciador da Era Gâmica, a que hoje chamamos globalização e pela qual o Norte encontrou o Sul, e o Sul o Norte. Por ter sido força criadora desse processo que colocou povos, culturas e fés em diálogo, só pode Lisboa sentir-se engrandecida. Aliás, a precisão científica da feliz designação indicada pela CML está largamente implantada na ciência historiográfica portuguesa contemporânea, de Jaime Cortesão a Vitorino Magalhães Godinho, nela se revendo, entre outros, A.H. de Oliveira Marques, Joaquim Veríssimo Serrão, António Borges Coelho, Luís Filipe Thomaz, José Manuel Garcia, Francisco Contente Domingues e Henrique Leitão.

O museu a fazer tem, pois, o direito e o dever de ser patriótico - fiel à verdade e, nela, à complexidade que a História sempre tem, mas comprometido igualmente com a dignidade nacional e o orgulho dos portugueses. Totalmente intolerável seria que viesse a fazer-se em Lisboa, por cedência a histerias importadas e politicamente inquinadas, uma casa dos horrores anti-Portugal, espécie de Disneylândia de denúncia dos nossos

antepassados. Em lugar de concentrar-se em aspectos lamentáveis, e frequentemente exagerados por uma falsa historiografia politizada e anticientífica, da dita "Expansão portuguesa", o museu a erguer deve ser um marco de afirmação da consciência nacional e de orgulho cívico, sem os quais não há nem cidadania nem memória que a justifique. Deve ainda, como as próprias Descobertas, ser factor de união, compreensão e aproximação entre os povos irmanados pelo grande projecto científico, tecnológico, logístico e cultural dos Descobrimentos. Mais que encerrar-se em narrativas simples de conquista e feitos militares, assim, a estrutura deverá focar-se na Expansão como projecto, processo e resultado: no que a fez e em como foi feita, mas igualmente no património humano - talvez possamos chamar a este a Portugalidade - que dela brotou.

É de pedir, assim, um Museu dos Descobrimentos, da Expansão e da Portugalidade tematicamente amplo, cientificamente sério e apostado numa leitura total do encontro português com o mundo. A nova instituição deverá oferecer ao público geral, português como estrangeiro, um vasto quadro compreensivo do contributo decisivo que coube a Portugal na construção do mundo moderno, não só pelo carácter pioneiro que desempenhou no domínio das técnicas de navegação, no cartografar das rotas e das terras incógnitas, na domesticação dos oceanos desconhecidos, na revelação à Europa de povos, culturas e civilizações, no diálogo inter-religioso e inter-linguístico que accionou, na revelação das formas artísticas e da riqueza espiritual das crenças e das religiões, na criação de uma economia-mundo integradora, na ignição da revolução alimentar, na circulação de espécies botânicas e animais, na disseminação das técnicas, mas também enquanto alavanca para a organização da comunidade internacional baseada no diálogo entre as civilizações e para a construção de uma comunidade de povos - o espaço cultural português, ou a Portugalidade - que merece bem ser conhecida da população. O mundo que o português criou pôs fim às galáxias civilizacionais fechadas, realizou sínteses, produziu instituições e criou sociedades novas na Europa, em África, nas Américas, na Ásia e na Oceânia, sendo desse processo evidência as múltiplas comunidades que por esse mundo fora se consideraram sentimentalmente ligadas a Portugal e que no novo Museu devem ver-se recordadas, estudadas e celebradas. Essa revolução antropológica de signo universalista, igualitário e integrador deve ser apontada como exemplo benigno, benéfico e estimulante para uma nova era multipolar em gestação. Que mais poderíamos oferecer ao mundo que o próprio mundo em Portugal?

**Os proponentes:**